

QUESTÕES CAPITAIS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PERSPECTIVAS DE LICENCIANDOS EM PEDAGOGIA NA AMAZÔNIA

Amanda Oliveira de Almeida¹; Camila Costa de Oliveira¹; Isabella do Socorro Maia dos Santos²; Rafaela Camila Barros Conceição³; Sheila Costa Vilhena Pinheiro⁴.

¹Universidade Federal do Pará – amandaalmeida1@hotmail.com

¹Universidade Federal do Pará – mila.oliveira021@gmail.com

²Universidade Federal do Pará – sms.isabella@gmail.com

³Universidade Federal do Pará – camilrafaela@gmail.com

⁴Universidade Federal do Pará – scvpinheiro@ufpa.com

RESUMO

Este artigo consiste numa pesquisa qualitativa que objetiva investigar questões capitais sobre Educação Ambiental que subjazem às concepções de licenciandos em Pedagogia quando refletem suas aprendizagens no âmbito de uma disciplina sobre a referida temática, numa universidade pública federal da Amazônia. O contexto da pesquisa situa-se na agenda de debates sobre Educação Ambiental na contemporaneidade, o *locus* é o curso de Licenciatura em Pedagogia, em uma disciplina eletiva sobre a temática em questão. Os participantes da pesquisa são 6 licenciandos selecionados conforme critérios de assiduidade, frequência de manifestações nos debates em aula. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semi-estruturada, registrada por meio de equipamento de áudio, com duração média de 30 minutos. Os dados foram organizados segundo as ênfases dos sujeitos vinculadas ao objeto de pesquisa, resultando em duas categorias analíticas, intituladas de **Questões Capitais Em Educação Ambiental**, no qual abordamos reflexões sobre preocupações e interesses fundamentais manifestadas pelos sujeitos quando refletem sobre EA, e **Mudanças de Perspectivas em Educação Ambiental**, no qual explicitamos mudanças de ideias e perspectivas conceituais reconhecidas pelos sujeitos no processo de apropriação de conhecimentos sobre EA. A análise dos dados revelou que são capitais as preocupações com a sustentabilidade, com abordagem prática e contextualizada da Educação Ambiental na Amazônia, a interdisciplinaridade e o desenvolvimento da Educação Ambiental Crítica, bem como, o cuidado com a formação dos professores. Essas questões capitais foram alcançadas pelos licenciandos a partir de processos de mudanças de perspectivas conceituais em que superaram abordagens restritas à política dos 3R, à concepção conservacionista/naturalista e à valorização do conhecimento sobre as leis ambientais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental, Questões Capitais, Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

O modelo socioeconômico vigente na maioria das sociedades do século XXI é caracterizado, entre outros aspectos, pelo alto nível de consumo e exploração dos recursos naturais, resultado da expansão do modelo capitalista de organização social. Dessa lógica de exploração, que se estabelece com a produção em larga escala a partir da exploração desenfreada da natureza, resultam múltiplos e potenciais impactos ao ambiente, dentre os quais podemos destacar a poluição da água, escassez de energia, mudanças climáticas, crise na produção de alimentos, dentre outros (CORTEZ, ORTIGOZA 2009; REIGOTA, 2007).

Esse panorama de devastação e consumismo sem precedentes no mundo atual gera riscos socioambientais de toda ordem que, por sua vez, produz

movimentos de reação social que expressam um lento e complexo processo de transformação do modo de vida de uma sociedade ameaçada e afetada pela destruição dos recursos naturais (JACOBI, 2005). Nessa perspectiva, Jacobi (2005, p. 235) considera que essa sociedade, produto e produtora dos riscos socioambientais “*torna-se crescentemente reflexiva, o que significa dizer que ela se torna um tema e um problema para si própria*”, razão pela qual a partir da década de 70 começam a se estruturar os debates sobre a díade ambiente-desenvolvimento.

Nesse contexto de tensões e debates sobre preservação e desenvolvimento surge um conjunto de concepções, ideias e práticas do universo educativo que, em todos os níveis e abordagens, se traduzem em movimentos de resistência e contestação contra o modo de produção capitalista e seus efeitos sobre a natureza, onde a Educação Ambiental (E.A.) assume posição estratégica nesse confronto. Como sujeitos desse cenário destaca-se o papel fundamental e decisivo dos educadores como agentes de inserção da E.A. no cotidiano escolar, contribuindo para que alunos desenvolvam um posicionamento crítico diante da crise socioambiental, a necessidade da sustentabilidade e seus significados (SATO, 2001; JACOBI, 2005).

Em meio às diversas abordagens em Educação Ambiental na escola é possível observar diferentes níveis de intervenção que vão desde um ideário reducionista (LAYRAGUES, 2002), mais especificamente situado na Pedagogia dos 3R (redução, reutilização e reciclagem), até a compreensão da necessidade de desenvolvimento de um sujeito ambiental crítico (SATO, 2001). Nessa perspectiva, cabe considerar como relevante que as abordagens em Educação Ambiental na formação de professores ultrapassem questões meramente comportamentais propostas pela concepção reducionista de E.A, para assumir uma postura crítica diante de uma cultura social que incentiva o consumismo desenfreado e o crescimento do setor industrial com danos irreversíveis à natureza (LAYRAGUES, 2002).

Gouvêa (2006) diz que EA está para além dos cuidados com a horta e materiais recicláveis, pois essas práticas não contribuem para desconstruir as práticas consumistas e predatórias do ambiente. Segundo a autora, devido ao descaso com a formação dos professores e os baixos salários, a maior preocupação dos mesmos é apenas sobreviver e não transformar, o que exige o investimento em processos de formação inicial e continuada de professores com desenvolvimento de práticas reflexivas voltadas para o desenvolvimento da cidadania.

Coadunamos com Castro (2009) quando afirma que a formação do professor deve estar ligada, principalmente, a questões atuais articuladas com a realidade socioambiental. Nesses termos, na condição de licenciandas do curso de Pedagogia, consideramos como necessária uma formação docente vinculada ao desenvolvimento do sujeito crítico, comprometido com a consciência do seu real papel no meio ambiente e na sociedade.

Tais questões justificam e maximizam a importância da presente pesquisa que aspira explicitar questões capitais de EA valorizadas por licenciandos em Pedagogia de uma universidade pública federal da Amazônia, que cursaram uma disciplina eletiva de Educação Ambiental e discutiram aspectos considerados fundamentais dessa temática em termos de sua formação docente e do contexto amazônico.

Nesse sentido, tornou-se fundamental o seguinte objeto de pesquisa, qual seja: Que questões capitais de EA subjazem às concepções de licenciandos em pedagogia quando refletem sobre suas aprendizagens no âmbito de uma disciplina eletiva com foco na referida temática?

Consideramos **questões capitais** aquelas reiteradas pelos sujeitos da pesquisa porque se tornaram para eles como elementos importantes do debate sempre que refletem sobre a temática no meio acadêmico e pedagógico. Nessa direção, no presente artigo assumimos como objetivos explicitar questões capitais de EA subjacentes nas concepções de licenciandos em pedagogia quando refletem sobre as aprendizagens desenvolvidas no âmbito de uma disciplina eletiva com foco na referida temática, e evidenciar mudanças conceituais sobre EA resultantes de processos formativos vividos pelos referidos licenciandos.

Nesses termos, o presente trabalho visa contribuir com o debate sobre a necessidade fundamental de investir na formação de profissionais pautada em uma nova ética, fundada no desenvolvimento de valores e atitudes fundamentais ligados à construção de relações mais sustentáveis entre homem e natureza.

METODOLOGIA

O presente artigo consiste em uma pesquisa de natureza qualitativa que, entre outros aspectos, *“não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização”* (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 22). Nesses termos, torna-se fundamentalmente importante compreender os sentidos e significados que os sujeitos atribuem a determinados focos temáticos, quando realizam movimentos reflexivos sobre experiências por eles vividas.

Interessa-nos estudar fenômenos humanos tendo como foco de análise as experiências e concepções dos sujeitos em torno da temática Educação Ambiental, pois, que de acordo com Bauer e Gaskell (2003) o interesse fundamental da pesquisa qualitativa situa-se na variedade de representações do mundo vivencial das pessoas, o modo como percebem a relação sujeito-objeto no conjunto de suas opiniões, sentimentos, crenças, discursos, dentre outros.

Nesses termos, o contexto da pesquisa consiste no campo de estudos da Educação Ambiental na formação de professores, sendo o *lócus* o curso de Licenciatura em Pedagogia¹, de uma universidade pública federal. A coleta de dados foi realizada no âmbito de uma disciplina eletiva que trata da temática Educação Ambiental², com aproximadamente 30 acadêmicos matriculados.

Foram selecionados como sujeitos da pesquisa 6 acadêmicos de pedagogia que cursaram a disciplina eletiva de EA na oferta do 2º período letivo de 2016 correspondendo a, aproximadamente, representando um percentual de 18% do total de alunos matriculados. O critério de seleção dos sujeitos consistiu em: a) frequência de participação nos debates durante as aulas da disciplina e, b) assiduidade desses alunos. Em respeito à privacidade dos sujeitos e ao seu direito ao anonimato, atribuímos pseudônimos para denominá-los no âmbito deste artigo, quais sejam: Olivia, Alex, Lucas, Otávio, Nonato e Antônia.

O instrumento empregado para a realização da coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada, composta por questões abertas previamente formuladas, sendo feitas intervenções com outros questionamentos quando necessário, sempre direcionado ao teor da pesquisa, elementos que segundo Boni e Quaresma (2005) caracterizam essa modalidade de entrevista. Além disso, utilizamos um gravador de voz que deu suporte ao registro dos depoimentos, os quais duraram, em média, 30 minutos.

Após a coleta dos dados, as entrevistas foram transcritas e o material empírico resultante da transcrição foi organizado considerando a ênfase de questões comuns, reiteradas sobre aspectos convergentes e divergentes ligados ao foco da Educação Ambiental, enfatizados pelos sujeitos em relação ao objeto de pesquisa, resultando em duas categorias analíticas: **1) Questões Capitais de EA:** aborda reflexões sobre preocupações e interesses fundamentais manifestados pelos sujeitos quando refletem sobre EA; **2) Mudanças de Perspectivas em EA:** trata da explicitação da mudança de ideias e perspectivas conceituais

¹ Referimo-nos ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará, em Belém-Pará.

² Trata-se da disciplina optativa intitulada 'Educação Ambiental' de 68h, ofertada a cada semestre letivo. Somente os licenciandos que se interessam pela referida temática fazem a matrícula na disciplina em questão. A pesquisa foi realizada na oferta do 2º período letivo de 2016.

que os sujeitos reconhecem que viveram no processo de apropriação do conhecimento sobre EA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Questões Capitais Em Educação Ambiental

Nesta categoria analítica explicitamos principais questões/problemáticas/aspectos relevantes ligados à Educação Ambiental, que foram manifestadas pelos sujeitos da pesquisa como sendo de importância capital em sua compreensão sobre a referida temática. Tais questões são consideradas capitais porque evidenciam preocupações e interesses desses licenciandos quando refletem sobre EA, na e para além da Amazônia, encontrando-se subjacentes a diferentes concepções manifestadas pelos sujeitos entrevistados.

Uma das questões capitais identificadas nas falas dos sujeitos é a **preocupação com a sustentabilidade** que, nos últimos tempos, tem sido perseguida na Amazônia como possibilidade de solução para a destruição em curso. A fala de Lucas é representativa dessa tendência analítica:

A Educação Ambiental é importante pra sociedade pra que todos estejam cientes da importância de se manter um ambiente sustentável, de preservar o meio ambiente, porque é onde a sociedade vai viver. Nos mínimos detalhes, desde separar o lixo em casa, até as grandes obras que estão acontecendo no país, como as hidrelétricas (LUCAS, 2016, 01)

Tal como se percebe na fala de Lucas ao pensar a Educação Ambiental na Amazônia vem à tona a preocupação com a sustentabilidade relacionada ao conceito de desenvolvimento sustentável, em meio à realidade de devastação sofrida pela região no contexto atual. Tal perspectiva se traduz na construção de uma nova atitude socioambiental frente ao confronto entre os impactos do desenvolvimento e a necessidade de preservação do ambiente pela defesa da utilização consciente dos recursos naturais, com a responsabilidade de assegurar condições dignas de vida para as gerações atuais e futuras (REIGOTA, 2007; SAUVÉ, 2005).

Associada à ideia de sustentabilidade outra questão capital explicitada pelos sujeitos a **preocupação com uma abordagem prática e ligada ao contexto socioambiental em EA**, tal como é retratado nos seguintes depoimentos:

Por que não trabalhar a Educação Ambiental no ver-o-peso³? Por que não trabalhar os problemas dos bairros próximos da universidade, fazer uma Educação em relação ao índice de criminalidade, entrevistar os moradores, investigar quais os desafios que eles enfrentam todos os dias? (ANTÔNIA, 2016, 01)

³ O Mercado Ver-o-Peso é um ponto turístico e cultural da cidade de Belém, capital do estado do Pará-Brasil, sendo considerada a maior feira ao ar livre da América Latina.

A reflexão de Antônia, representativa de uma tendência entre os sujeitos de valorizar abordagens de natureza prática e contextual em EA, ressalta a importância do envolvimento do indivíduo com a sua própria realidade, o que favorece a compreensão sobre os problemas socioambientais locais e globais, sua emancipação e tomadas de atitudes conscientes em busca de possíveis soluções (CARVALHO, 2004). Para Sauv  (2005) essa perspectiva de EA possibilita a supera o de uma leitura reducionista do ambiente e da própria educa o, por meio de uma dinâmica participativa e de a oes transformadoras que envolvam a comunidade, onde teoria e prática se inter-relacionam e se autofecundam.

Em dire o   concep o prática em EA manifestadas pelos sujeitos evidencia-se uma tendência analítica que aponta para a **valoriza o da perspectiva interdisciplinar**, tal como se pode perceber nos depoimentos de Alex e Ant nia:

Eu acho que a educa o ambiental deve se referir a outras disciplinas e outras áreas do conhecimento, eu tenho sim que ir com o pessoal de engenharia, eu tenho que ir com o pessoal de astronomia, sim, com certeza. Eu tenho que estar aqui na pedagogia, e também ir pra outros lugares levar esses conhecimentos (Alex, 2016, 01).

  preciso trabalhar a Educa o Ambiental nos lugares que são referências em Educa o Ambiental, como Bosque Rodrigues Alves, saber quais são os problemas. Eu acho que a Educa o Ambiental deveria se voltar a fazer uma ponte com a arte, com o teatro, por exemplo (Ant nia, 2016, 02).

  possível perceber que para Alex a interdisciplinaridade consiste na busca pela interlocu o entre diferentes áreas do conhecimento, no esforço em compreender diferentes aspectos dos fen menos estudados, sob diferentes perspectivas, contudo, centrando o foco na pedagogia que deve, segundo sua visão, *ir para outros lugares levar esses conhecimentos*. Para Ant nia, além da rela o entre disciplinas, o trabalho interdisciplinar deve situar-se em lugares que, no seu entendimento, são referências em Educa o Ambiental, onde se busca saber *quais são os problemas*, o que parece ser uma visão de EA restrita a determinado espaço/local físico.

Num sentido amplo, a interdisciplinaridade se apresenta como um recurso de interlocu o bastante promissor, considerando a importância de ampliar as discussões sobre Educa o Ambiental nas mais diversas áreas do conhecimento, com base em processos de intercâmbio e trabalho coletivo (BOVO, 2004). Ambas perspectivas, inter e transdisciplinar, visam superar a fragmenta o e a simplifica o que reduzem a compreensão das problemáticas socioambientais, situando a incorpora o da percep o ecológica nos processos de decisão pedagógica, econ mica e política sobre o ecossistema.

Uma questão fundamental, reiterada por todos os sujeitos desta pesquisa, situa-se na importância dada   **constru o de uma perspectiva crítica em**

EA. O que podemos evidenciar nas seguintes falas representativas:

Eu acho que educação ambiental é pra formar o ser humano, é pra formar um ser humano crítico, um ser humano participativo, consciente, das suas limitações, consciente dos seus direitos, mas também dos seus deveres (Olívia, 2016, 01).

A partir do conhecimento adquirido sobre o meio ambiente, sobre as formas de se relacionar como o meio ambiente, essa educação vai servir pra libertar a pessoa, tornar ela critica. Tornar as pessoas mais críticas em relação a sua vida: “O que é que eu estou fazendo?”, “Como a minha atitude/ação pode influenciar naquele meio?”. Esses valores que a Educação ambiental prega, eu acho muito importantes (Nonato, 2016, 01)

Nos depoimentos de Olívia e Nonato está presente a valorização da perspectiva crítica de EA que, numa visão compartilhada, contribui para a formação de pessoas mais críticas, conscientes de direitos e deveres relacionadas ao ambiente, ao desenvolvimento e à preservação. É possível inferir que tal perspectiva está relacionada à transformação social, no qual a EA assume um papel decisivo no sentido de ampliar a consciência crítica dos indivíduos, dando subsídios para o questionamento, para o pensamento autocrítico, que permite refletir sobre os caminhos possíveis para a resolução de dilemas socioambientais, e fortalece o entendimento sobre a cidadania em dimensões socioculturais, políticas e econômicas (SATO, 2001; JACOBI, 2005).

A Educação Ambiental crítica no contexto da educação infantil apresentou-se como uma questão capital para os licenciandos, tal como se evidencia no pensamento manifestado pelo sujeito a seguir:

*Eu acho que a fase mais importante da vida do ser humano é a infância, até porque a criança está formando sua personalidade, opiniões e ideias. E se ela encontrar um **professor bem preparado**, numa perspectiva da Educação Ambiental, vai se tornar um adulto muito diferente em relação a atitudes com a natureza e na convivência com outras pessoas. Quando eu for trabalhar com as crianças na escola, vou repassar esses valores que eu aprendi com a Educação Ambiental, para as crianças **aprenderem a conviver com as pessoas e preservar a vida** (Nonato, 2016, 02).*

A fala de Nonato evidencia duas preocupações fundamentais: a) **com a formação das crianças numa perspectiva crítica de mundo** e, b) **com o preparo dos professores para trabalhar EA**. Cabe ressaltar que, por meio da EA, é possível trabalhar ideias e atitudes que fazem com que as crianças ampliem o seu papel social, além de possibilitar experiências de contato com diferentes pessoas e contextos, auxiliando na realização mais produtiva das atividades individuais ou em grupo e construindo pilares que futuramente servirão de base sua relação com a natureza e com o outro (REIGADA, TOZZONI-REIS, 2004).

No que concerne à formação de professores, Thomaz (2006) considera que é de fundamental importância prepara adequadamente os professores numa perspectiva crítica de EA, na qual o professor possa desenvolver uma visão diferenciada

de EA que envolve, para além da relação com o ambiente, a consciência das relações sociais, políticas e econômicas que influem sobre tais relações.

Tais ideias são reafirmadas por Elali (2003) que discute o papel da EA no desenvolvimento infantil e enfatiza que precisamos compreender as teorias da área do desenvolvimento, para então formular estratégias direcionadas a formação de uma identidade ecológica na criança. Nessa perspectiva, investe-se no desenvolvimento das noções de valorização do espaço, expandindo o conceito de ambiente, para que a criança possa, para além de entender mecanismos gerais da natureza, mas reconhecer-se como parte dessa natureza e sua participação como defensora de sua dinâmica.

Mudanças de Perspectivas em EA

Nesta categoria analítica evidenciamos mudanças de perspectivas conceituais sobre Educação Ambiental que foram identificadas a partir da análise das entrevistas. Considerando as reflexões de El-Hani e Bizzo (2002) os processos de reestruturação das ideias do indivíduo sobre um determinado conceito requer mais do que o acréscimo de novas informações, mas envolve por parte do aprendiz, o reconhecimento e a avaliação das ideias pré-existentes perante novos conceitos e uma decisão consciente de reorganizar tais informações.

Entre outros processos de mudança de ideias, **os sujeitos evidenciaram o deslocamento de uma concepção naturalista/conservacionista de EA para uma concepção da EA crítica**, com destaque para mudanças atitudinais. As seguintes falas são representativas dessa tendência analítica:

*Eu **tinha** uma visão de educação ambiental do senso comum. A Educação ambiental ligada ao meio ambiente parece que vem na nossa mente “Tem que jogar o lixo na lixeira.”, “Não devemos desmatar.”, “Não devemos fazer queimadas.”, “Tem que jogar lixo no lugar certo”, fazer a separação do lixo, “Plástico no lugar de plástico”. Então, eu pensava que era só isso, a educação ambiental era para educar as pessoas a como tratar seu lixo e a não fazer determinadas coisas porque vai ferir o meio ambiente.” (Nonato, 2016, 03)*

O depoimento de Nonato é representativo de uma percepção manifestada entre os sujeitos de que, inicialmente, os sujeitos *tinham* uma visão de senso comum sobre EA. Para os sujeitos, essa visão de senso comum reduz a EA simplesmente ao ambiente e seu cuidado imediato com a natureza, o que se aproxima com a ideia apresentada por Martins (1998) que diz que o senso comum não é menos importante, no entanto, é um conhecimento compartilhado e até conservador que se estabelece entre os sujeitos da relação social conferindo uma visão limitada de EA, também ligada à concepção naturalista focada na relação direta com a natureza, que não problematiza as

interrelações entre fenômenos sociais e naturais, nem se envolve com os conflitos da realidade (SAUVÉ, 2005).

Todos os sujeitos relataram que antes dos estudos sobre EA tinham uma **visão restrita sobre a temática situada na política dos 3R expressa na ideia simples de reciclagem e reutilização**. Na fala a seguir, é possível identificar esta mudança:

A princípio pra mim, Educação Ambiental se voltava apenas à parte básica de reduzir, e de reutilizar os materiais da natureza, associada muito à reciclagem, mas depois que eu fiz a disciplina eu vi que a Educação Ambiental é mais ampla, tem a ver com o bem estar social, do indivíduo, tem a ver com o ambiente que nós estamos inseridos em geral (Lucas, 2016, 02).

A fala de Lucas indica uma relação que é comumente feita entre EA e a política dos 3R, mas que segundo o sujeito, após as aulas e o contato com os estudos da área modificou sua percepção ampliando a compreensão de EA para o cotidiano e a realidade socioambiental. Para Layrargues (2002) existem dois discursos envolvidos na política dos três R's: o discurso ecológico oficial e o alternativo; o primeiro é representado pelos interesses governamentais e o segundo é representado pelos movimentos ambientais de cunho meramente ecológico, sem fazer relação com dimensões social, política e econômica, envolvidas nas problemáticas ambientais.

Ainda segundo este autor, os discursos ecológicos sobre a política dos 3R atendem cada grupo de interesses. Para o discurso ecológico oficial, não faz sentido propor a redução do consumo, uma vez que o problema não está no consumo, mas no consumo não sustentável, portanto, prioriza a reciclagem. Já o discurso ecológico alternativo tece críticas ao consumismo e acredita que a produção elevada do lixo é um problema de ordem cultural, dessa forma prioriza a redução e a reutilização (LAYRARGUES, 2002).

Observamos através da análise da fala dos entrevistados que também houve mudanças de conceitos a respeito da **abrangência da Educação Ambiental, seu alcance e potencial**. Sobre esta questão, evidenciamos a seguinte fala representativa:

Eu achava que a Educação Ambiental era muito restrita as entidades e que não chegava dentro da família, que não chegava dentro de casa, que não tinha essa inter-relação, como todos envolvidos. Os estudos sobre Educação Ambiental me fizeram ver que é muito interessante enxergar que há essa inter-relação entre meio ambiente e as pessoas, entre animais e que todos devem se respeitar e podem sim serem respeitados (Otávio, 2016, 01).

O depoimento de Otávio nos remete a uma mudança sobre a percepção de abrangência da EA, seu alcance e sua presença no mundo. Em geral, os sujeitos conservaram a ideia de que a EA estava restrita a entidades e instituições, tal como a escola. A ampliação dessa visão permitiu que os sujeitos passassem a enxergar a EA como uma educação que pode ser

trabalhada dentro e fora do ambiente familiar. De acordo com Loureiro (2007) esta relação se dá por meio da construção de uma identidade ambiental, que só é possível se a EA for transportada para a realidade concreta do indivíduo, permitindo dessa maneira uma relação entre a EA e suas ações cotidianas, os discursos vazios dissociados da contextualização dificultam esse vínculo e restringem a EA a um conjunto de regras “ecologicamente corretas”.

Outra evidência de mudança de perspectiva em EA levantada por um dos licenciados diz respeito à **importância dada ao conhecimento das leis ambientais**. O que é representado na fala a seguir:

A Educação Ambiental veio acrescentar, o que eram as leis, que eu não tinha tanto conhecimento sobre as leis que existem sobre a Educação Ambiental, são várias, eu realmente não tinha conhecimento nenhum sobre as leis ambientais. É importante conhecer as leis, porque a partir delas as pessoas vão ter o embasamento pra fazer cumprir o que está escrito, poder concretizar o que está no papel, poder cobrar, porque se está escrito na lei, você pode cobrar, você pode fazer, você pode mudar (Lucas, 2016, 03).

A fala de Lucas evidencia uma tendência dos sujeitos em valorizar o conhecimento das leis sobre EA e sua importância como aliado ao processo de transformação socioambiental. Nessa direção, Sorrentino (2005) ressalta que aproximação com as leis ambientais serve não somente para cobrar o seu cumprimento, mas também para questioná-las e atualizá-las rumo à concepção de educação ambiental como uma política pública.

CONCLUSÃO

No contexto da região amazônica, onde os debates sobre EA se tornam pauta fundamental, o conjunto de licenciandos em pedagogia que foram entrevistados reiteraram preocupações e interesses que se tornaram, no âmbito deste artigo, questões capitais relacionadas às concepções e práticas em Educação Ambiental.

Dentre essas questões, as análises evidenciaram como capitais preocupações com a sustentabilidade no confronto entre desenvolvimento e preservação da floresta. Outra questão situou-se na preocupação com uma abordagem prática e contextualizada de EA, bem como, a valorização da perspectiva interdisciplinar como abordagem adequada e promissora da EA no sentido de interligação entre diferentes campos de conhecimentos.

Essas perspectivas capitais se voltam para a construção da Educação Ambiental crítica e preocupada com a formação de crianças conscientes do seu lugar no mundo. Tal abordagem exige o cuidado com a formação de professores para trabalhar com EA, no sentido de preparar esses professores de forma adequada, crítica e continuamente.

É possível inferir que essas questões capitais foram explicitadas como resultado de mudanças de perspectivas conceituais vividas pelos sujeitos nos estudos sobre EA. Essas mudanças se traduzem no deslocamento de uma concepção naturalista/conservacionista de EA, tida e mantida como de senso comum, que fora superada pelos sujeitos rumo a uma concepção crítica da temática.

O desenvolvimento de uma perspectiva crítica de EA entre os sujeitos também se expressou na superação de uma visão restrita da temática situada na política dos 3R. Ao transpor a ideia restrita de EA situada na política dos 3R permitiu que os sujeitos ampliassem a ideia de abrangência da temática, seu alcance e seu potencial, situada além das entidades rumo à presença de EA na família, no grupo social e em todos os âmbitos da vida.

Finalmente, cabe ressaltar que os estudos em EA na formação de professores possibilitam que o conhecimento das leis ambientais receba a importância devida entre os sujeitos. Essas leis passaram a ser consideradas como um dos aliados para a transformação socioambiental, na qual a Educação Ambiental é campo estratégico de mudança de visão e de atitude frente às problemáticas do ambiente amazônico e do planeta.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da Ufsc**, Santa Catarina, v. 2, n. 13, p.68-80, jan./jul. 2005.

BOVO, Marcos Clair. Interdisciplinaridade e transversalidade como dimensões da ação pedagógica. **Revista Urutágua - Revista acadêmica multidisciplinar**. Maringá – PR, n. 7, ago./nov. 2004.

CARVALHO, I.C.M. **Educação ambiental: A formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez. 2004.

CASTRO, Heloísa Vitória. **A formação de educadores ambientais no curso de pedagogia**. III EDIPE - Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino, Goiás, 2009. 6 p.

CORTEZ, Ana Tereza; ORTIGOZA, Sílvia Aparecida (Orgs). **Da produção ao consumo: impactos socioambientais no espaço urbano**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

ELALI, Gleice Azambuja. O ambiente da escola - o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil. **Estudos de Psicologia (natal)**, [s.l.], v. 8, n. 2, p.309-319, ago. 2003.

EL-HANI, Charbel Niño; BIZZO, Nelio Marco Vincenzo. Formas de construtivismo: mudança conceitual e construtivismo contextual. **Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 4, n. 1, Belo Horizonte, 2002.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GOUVÊA, Giana Raquel Rosa. Rumos da formação de professor para a educação ambiental. **Educar em Revista**, n. 27, 2006, p. 163-179. Curitiba, 2006.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Revista Educação e Pesquisa FE-USP**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 302-313, maio/ago. 2005.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, C.F.B; LAYRARGUES, P.P. & CASTRO, R. de S. (Orgs.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez. p. 179-219. 2002.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Educação ambiental crítica: contribuições e desafios. In: MELLO, S.S.; TRAJBER, R. (Coord.). **Vamos Cuidar do Brasil: conceitos e práticas em Educação Ambiental na escola**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente / UNESCO, 2007.

MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo social**. v. 10, n. 1, p. 1-8. São Paulo, 1998.

REIGADA, Carolina; TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Educação ambiental para crianças no ambiente urbano: uma proposta de pesquisa-ação. **Ciência & Educação**. Bauru, v. 10, n. 2, p. 149-159, 2004.

REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos. Ciência e Sustentabilidade: a contribuição da educação ambiental. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**. Campinas, v. 12, n. 2, jun. 2007.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M., CARVALHO, I. (Orgs.). **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed. p. 17-44. 2005.

SATO, M. Debatendo os desafios da educação ambiental. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ÁREA DO PRÓ MAR DE DENTRO, 1. Rio Grande, RS. **Anais...** Rio Grande, RS: FURG & Pró Mar de Dentro, 2001.

SORRENTINO, Marcos et al. Educação ambiental como política pública. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, 2005.

THOMAZ, Clélio Estevão. **Educação Ambiental na formação inicial de professores**. Dissertação de Mestrado em Educação. PUC. Campinas: 2006. Disponível em < <http://tede.bibliotecadigital.puccampinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/572/1/Clelio%20Estevao.pdf> >. Acesso em: 13 ago. 2017.